

DIDÁTICAS LIBERTADORAS: UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Rita de Cássia Batista¹

RESUMO

Este artigo visa ao estudo de práticas pedagógicas necessárias e inovadoras voltadas para o cenário da Educação a Distância, bem como para o público que esta modalidade tem atingido. O texto enfatiza o perfil libertador citado por Paulo Freire (1996) necessário para esta nova geração, tanto para a educação tradicional quanto para a modalidade a distância. Além disso, propõe sugestões de atividades que poderiam ser trabalhadas e direcionadas para um público cada vez mais exigente e criativo, fazendo com que a educação não tradicional atinja, cada vez mais, as expectativas de uma sociedade que, gradativamente, é inserida em um contexto tecnológico e único. Abordamos, também, os conceitos pertinentes ao assunto citados por Mill (2006), Alonso (1996), bem como as condições para avaliação propostas por Luckesi (2005). Além disso, consideramos as práticas de arte, plágio e dialogicidade tão pertinentes para o tema trabalhado.

Palavras-chave: Educação a Distância; Tecnologia; Professor libertador; Prática pedagógica; Avaliação.

ABSTRACT

This article aims at the study of necessary and innovative pedagogical practices focused on the Distance Education scenario, as well as for the public that this modality has reached. The text emphasizes the liberating profile cited by Paulo Freire (1996) necessary for this new generation, both for traditional education and distance learning. In addition, it proposes suggestions for activities that could be worked out and directed towards an increasingly demanding and creative public, making non-traditional education more and more meet the expectations of a society that is gradually inserted into a context Technological and unique. We also discuss the concepts pertinent to the subject cited by Mill (2006), Alonso (1996), as well as the conditions for evaluation proposed by Luckesi (2005). In addition, we consider art, plagiarism and dialogic practices so relevant to the theme.

Keywords: Distance Education; Technology; Teacher liberator; Pedagogical practice; Evaluation.

¹ Professora e Coordenadora Pedagógica da área de Letras e Linguagens - Grupo UNIS

INTRODUÇÃO

A educação a distância tem ganhado crédito e espaço em grande parte das universidades ou centros educacionais diversos. No entanto, deve-se levar em consideração práticas pedagógicas libertadoras que também estejam coerentes com o advento desta modalidade de ensino. Não obstante, o professor orientador ou tutor deve possuir características peculiares para este público particular, sendo inovador, criativo e lançando mão de alternativas que possam garantir a qualidade da educação, bem como a inovação de uma prática pedagógica que atenda a cada um dos interessados.

Sendo assim, faz-se necessário uma capacitação constante para que tanto a educação tradicional quanto a mediada por aparelhos tecnológicos atendam as expectativas de um público cada vez mais exigente e atento às demandas educacionais.

A EaD E SUAS PECULIARIDADES

A educação a distância – EAD possui marcas e características próprias que torna o indivíduo sujeito ativo de seu conhecimento, dentro de seu próprio tempo e espaço, sendo mencionando Paulo Freire e as várias concepções de educação apresentadas por ele, como sendo libertadora, progressista ou ambas ao mesmo tempo, mas também introduzirei conceitos de outros autores pesquisados.

Não podemos mencionar educação a distância como uma forma de educação desvinculada da educação tradicional, pois segundo Alonso (1996, p. 58)

A educação a distância tem em sua base a ideia de democratização e facilitação do acesso à escola, não a ideia de suplência ao sistema regular estabelecido, nem tampouco a implantação de sistemas provisórios, mas em sistemas fundados na Educação Permanente...

Esta ideia nos remete a um processo educacional que seja democrático para um público específico e que não venha suplementar o ensino regular.

Por outro lado, Mill (2012, p. 21) define a educação a distância como uma modalidade educacional geralmente considerada como uma forma alternativa e complementar, mas que não é necessariamente substitutiva para a formação do cidadão.

No livro *Pedagogia da Autonomia* de Paulo Freire (1996), o professor com o perfil libertador é aquele que estimula a criticidade, a curiosidade e reflexão e faz com que o aluno transcenda o seu entendimento e compreensão não por palavras prontas e elaboradas, mas pelo que ainda não foi dito. Explicando o “não dizer”, Freire (1996, p. 19) relata a experiência que tivera com um de seus professores, quando, na devolução de um trabalho escolar, apenas balançava a cabeça demonstrando sua aprovação. Para Freire, este gesto valeu mais do que a própria nota que o professor lhe atribuíra.

Um simples gesto tornou-se algo inesquecível para Freire que enfatiza, ainda, a importância do *discurso formador* que torna a educação algo respeitado. Não se pode cobrar o que não se pratica e, como exemplo, Freire (1996, p. 20) se lembra de quando esteve visitando escolas na cidade de São Paulo em 1989, encontrando grande descaso pelas condições materiais por parte dos governantes. Na ocasião, o autor mencionou que seria impossível cobrar um mínimo de respeito se o próprio Poder Público não o exercia.

O PROFESSOR E AS PRÁTICAS LIBERTADORAS

Ratificando a importância do perfil libertador, Paulo Freire (1996, p. 12), afirma que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”. Desta forma, um professor libertador (progressista) saberá instigar a curiosidade de seus alunos de modo que a sua prática docente seja ativa e participativa e, acima de tudo, fará com que seu *discurso formador* seja o retrato vivo de suas atitudes.

Quando menciono participação, refiro-me ao processo ensino-aprendizagem, que remete o saber docente ao discente e vice-versa. Há uma troca de informações e conhecimentos que enriquece e envolve todo o processo e é exatamente isso que Freire (1996, p.15) menciona quando diz que “ensinar exige respeito aos saberes dos educandos”. Não é

apenas uma teoria que é imposta, é uma troca de informações que deve ser questionada e valorizada.

O que vai definir o tipo de educação na EAD é a postura do professor frente às perspectivas e atividades destinadas aos alunos e a maneira como é organizado o Projeto Político Pedagógico das disciplinas que deve ter uma proposta abrangente e deve ser elaborado com todo o grupo docente. Mill (2006; 2010; 2012), diz que a equipe polidocente é estruturada por professor conteudista, professor coordenador de disciplina, professor formador, professor-tutor e equipe multidisciplinar que é conceituado como *polidocência*, ou seja, “coletivo de trabalhadores que, mesmo com formação e funções diversas, é responsável pelo processo de ensino-aprendizagem na EAD” (MILL, 2010, p. 24). Esta equipe deve estar atenta para o envolvimento do processo, ou seja, atentar-se para o todo, estimulando o professor a *pensar certo*. Isso significa trabalhar junto com o aluno para que seus saberes e experiências se aprofundem de acordo com suas curiosidades, fazendo com que o docente seja sempre mediador nesta busca constante.

Falando sobre as TIC e as mídias em EAD, ratificamos a importância destas ferramentas para a construção de aulas interativas, criativas e provocativas. São instrumentos poderosos capazes de criar um ambiente interativo onde o aluno constrói seu próprio conhecimento. Dependendo da proposta pedagógica, a utilização de materiais comuns como lousa e papel pode fazer com que a abordagem se torne mais complexa se o professor não possuir o direcionamento certo para o que pretende abordar. Por outro lado, de nada adianta se uma instituição é equipada com as mais recentes tecnologias, mas possui professores que ainda insistem em uma educação bancária e conservadora. Um trabalho criativo faz-se com a participação de ambos: aluno e professor, independente dos recursos que se tem à mão e cabe a este, principalmente, direcionar a estratégia correta para que o processo de ensino-aprendizagem torne-se prazeroso e enriquecedor.

É curioso quando Freire (1996, p. 34) diz que nunca apreciou a tecnologia, mas sempre a respeitou e sabe do potencial que ela possui para estimular e potencializar a curiosidade, a imaginação e as emoções.

No processo EAD não é diferente. Uma disciplina pode se tornar edificante se for planejada com o uso variado das TIC. Como exemplo e citando a Língua Portuguesa, disciplina na qual me formei, poderíamos trabalhar variações linguísticas utilizando gravações em vídeo de sotaques diferentes, além de podermos utilizar a fotografia de elementos peculiares das regiões brasileiras. Poderíamos, também, utilizar a gravação de áudio de poemas ou músicas regionalistas como a escrita por Patativa do Assaré, que descrevo abaixo:

O POETA DA ROÇA

Sou fio das mata, cantô da mão grossa
Trabaio na roça, de inverno e de estio
A minha chupana é tapada de barro
Só fumo cigarro de paia de mio.

Sou poeta das brenha, não faço o papé
De algum menestrê, ou errante cantô
Que veve vagando, com sua viola,
Cantando, pachola, à percura de amô.

Não tenho sabença, pois nunca estudei,
Apenas eu seio o meu nome assiná.
Meu pai, coitadinho! vivia sem cobre,
E o fio do pobre não pode estudá.

Meu verso rastero, singelo e sem graça,
Não entra na praça, no rico salão,
Meu verso só entra no campo da roça e dos eito
E às vezes, recordando feliz mocidade,
Canto uma sodade que mora em meu peito.

(Disponível em <http://letras.mus.br/patativa-do-assare/872145/> - acessado em 10/02/2014)

Dentro desta abordagem, poderíamos trabalhar a questão da oralidade / escrita, variações linguísticas, regionalismos, ortografia, gramática, concordância, regência e tantos outros temas relacionados à Língua Portuguesa e suas afinidades.

A tecnologia nos remeteu à renovação. Desta forma, as concepções do professor conservador não se adequam mais à nossa realidade. É preciso revisar conceitos e ser curioso e o “ser curioso” despertará, então, a criatividade. Como afirma Freire (1996, p. 15) “Não haveria criatividade sem a curiosidade que nos move e nos põe pacientemente impacientes...”.

Cabe frizar que o uso das TIC não assegura uma educação progressista, elas apenas sugerem possibilidades. O *ser progressista* dependerá do Projeto Pedagógico ou da intenção das pessoas que o planejam e, posteriormente, o conduzem. Parafraseando Freire, seria a paciência gerando a impaciência e a criatividade.

Falando sobre Arte e Cultura na EAD Progressista, percebemos que a EAD já se constitui um sistema cultural quando a postura do professor libertador apresentada por Freire (1996) utiliza temas geradores provocando, no outro, o desejo de se expressar que, neste caso, estaria inserido no termo *cultura*.

O professor poderia, neste conteúdo, trabalhar com músicas, pinturas, e, em parceria com as TIC, recorrer a recursos tecnológicos que permitem visitar museus ou fazer um *tour* em quadros como *As meninas* de Velázquez (arte disponível no Museu do Prado - Espanha) para explorar e conhecer toda a história da família de Filipe IV.

Antes de propor esta atividade, seria necessário um tópico que explicasse o que estava acontecendo no mundo na época em que o trabalho foi feito. Depois disso, caberia ao aluno analisar em que período a obra foi realizada: Romantismo, Modernismo, Classicismo, Barroco..., pois cada período possui seu estilo traçado com linhas horizontais e verticais que transmitem o equilíbrio e o poder de percepção do estudante de Literatura. Além disso, até hoje o quadro de Velázquez é um dos mais estudados quanto à sua interpretação, pois são tantas as possibilidades, que a criatividade e imaginação de cada estudioso possibilitam uma nova viagem no tempo.



Figura 1 – As meninas (Velázquez)

Disponível em <http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/27/artigo191887-3.asp>, acessado em 22/02/2014)

Existem alternativas que, graças à tecnologia, podemos encontrar. Uma outra possibilidade seria trabalhar com filmes (clássicos) como *Tempos Modernos* de Chaplin, que está presente em muitas tarefas de EAD e pode nos remeter a diferentes enfoques, de acordo com as disciplinas em questão.

Pode-se, com tantas opções tecnológicas, instigar os participantes a fazerem suas próprias produções usando as TIC e, além disso, buscarem produtos disponíveis pelo meio digital que poderiam ser comentados dentro das problematizações de cada tema.

A formação cultural do professor da disciplina é um fator primordial para que tanto a arte quanto a cultura sejam trabalhadas com sabedoria. De nada adianta se o nível cultural do professor não atinge a leitura que se precisa fazer de uma obra de arte, por exemplo. É

necessário um aprofundamento e não se deve trabalhar com superficialidade, pois é este conhecimento e a disposição que docentes e discentes possuem que os fará saírem das posições culturais que ocupam para enxergarem novas possibilidades e irem além.

Percebemos, também, a importância de despertar a autoria, o sujeito crítico em nossos alunos. É preciso que se respeite a autoria de todos no processo educativo e formador e que as escolas estimulem a curiosidade, a investigação e criação.

Vallim e Lopes (s/d) reforçam sobre a necessidade de se fazer as devidas citações e referências nos moldes acadêmicos, e também sobre o valor da autoria. Embasados em Paulo Freire, ressaltam que “com a chegada da internet (anos 90), fica evidente que não nos interessa a cópia, no processo educativo e formador, e sim a autoria. Não por questões de direito autoral, mas antes, pela formação do/a autor/a, sujeito crítico de sua realidade.”

Segundo Silva, 2003 a construção do autor não se dá sem a formação do leitor, visto que sua competência discursiva depende das histórias de leitura do sujeito, a fim de que se constitua, de fato, coautor de textos lidos e produzidos.

Levando em consideração o conceito de Silva, percebemos a grande realidade de nossas escolas que, na maioria das vezes, é formada por alunos que não se interessam pela leitura e, por conseguinte, não se preocupam com o que escrevem. Na educação a distância o processo de autoria pode ser exaustivo se o professor não souber delinear a importância da dedicação aos conteúdos que serão ministrados. Para que se constituam autores, é necessário “brincar” com as palavras e, mais do que isso, saber utilizá-las com a devida sabedoria para que possamos chegar a uma conclusão plausível de suas ideias.

Quanto ao trabalho de tutoria em EAD, percebemos que ainda é um tema que gera muitos debates, pois o trabalho de tutor não é reconhecido. Muitas vezes, são profissionais que recebem bolsa, mas não possuem carteira assinada. Vale destacar que, como em todas as áreas da educação, a maior dificuldade continua sendo os baixos salários, a falta de vínculo empregatício e uma legislação que defina a função de tutor.

Apesar destas dificuldades, o tutor em EAD é um profissional indispensável. Ele deve possuir uma posição crítica e ativa para que a orientação seja bem fundamentada. Ademais,

precisa trocar experiências com outros tutores para construir referenciais que orientem suas escolhas e seus procedimentos.

O professor-tutor deve conhecer bem as novas tecnologias e possuir formação suficiente para identificar as diferenças entre a educação tradicional e a educação a distância.

Há de ser destacado, também, a importância da interação, do diálogo que permite a formação de estruturas mais democráticas. Freire (1996, p. 33) diz que esta prática não deve ser apenas um vai e vem de perguntas e respostas apassivadoras, mas que estas devem possuir caráter crítico, indagadores, para que tanto o professor quanto os alunos sejam “epistemologicamente curiosos”.

Nesta postura, o autor enfatiza que o bom professor é aquele que consegue trazer o aluno para o seu mundo, para suas indagações e reflexões. Suas aulas não são uma “cantiga de ninar” (p. 33), mas um desafio, cujos alunos sentem-se encorajados e não desmotivados.

Junto com esta democracia, encontramos o processo avaliativo que, dentro da perspectiva do professor libertador, deve o exercer não apenas baseando-se em provas de memorizações, mas dentro de um processo que possa situar o aluno no antes, durante e depois do processo ensino-aprendizagem. Professor e aluno passam a ser cúmplices dentro deste conceito, pois problematizam os fatos e tomam atitudes que visam à transformação.

Cipriano Luckesi, em seu livro *Avaliação da Aprendizagem Escolar*, diz que há uma grande diferença entre examinar e avaliar. A primeira analisa o momento presente, não levando em consideração se houve ou não um processo de aprendizagem primeiramente e a segunda enfatiza todo o procedimento decorrido no ensino. Para ele, a grande parte das escolas realiza apenas o ato de examinar e diz que nossos professores deveriam possuir postura de professores avaliativos e não de examinadores.

Dentro destes conceitos de examinar e avaliar, Luckesi (2005) destaca algumas características entre ambos. Para o ato de examinar, o autor afirma que possui caráter pontual, não interessando o que aconteceu antes ou depois da prova. Numa segunda característica, diz que os exames são classificatórios, apontando o aluno apenas como “aprovado” ou

“reprovado”, além de serem seletivos e excludentes, quando grande parte do alunado permanece “de fora” por não ter obtido a pontuação necessária para aprovação.

Em contrapartida, quando é analisado o processo avaliativo, diz-se que suas características são exatamente o contrário das características dos exames: os desempenhos são sempre provisórios ou processuais, pois cada resultado obtido serve de suporte para um passo mais à frente. Além disso, ela é inclusiva, pois interessa ao educador o que estava acontecendo antes, o que acontece agora e o que acontecerá depois com o educando, na medida em que o processo de ensino-aprendizagem encontra-se em um projeto pedagógico construtivo.

Na educação a distância o processo avaliativo deve possuir múltiplos olhares e não ser visto apenas com um direcionamento certo e objetivo. A participação dos alunos em fóruns, chats, tarefas, acessos ao site para pesquisa, bem como a visualização de vídeos e links devem ser cuidadosamente planejados para que o professor da disciplina possa ter uma ampla visão de cada aluno. Muitas vezes, a dificuldade em uma prova objetiva pode ser compensada pelas questões discursivas em fóruns ou chats. Um professor libertador, certamente saberá ponderar e direcionar o melhor processo avaliativo para cada aluno.

Freire (1996, p. 30) enfatiza que um professor deve ter a convicção de que uma mudança seja possível, por pior que pareça ser. Dentro deste pressuposto, gostaria de situar o leitor dentro de um dos meus contextos de trabalho, que foi inspiração para meu projeto de pesquisa e que vai ao encontro das palavras de Paulo Freire: trabalhei durante 07 anos em uma unidade prisional como professora de Língua Inglesa no Ensino Fundamental e Médio para detentos e, durante todo este tempo, ensinei Inglês da mesma forma de outros contextos, como, por exemplo, uma escola de idiomas. Nestes longos anos, adquiri experiência e muitas histórias para contar.

Quando era questionada sobre meu trabalho, via muita curiosidade no olhar das pessoas e, de certa forma, sentia-me “deslocada” de mim mesma, como se meu trabalho não obtivesse o retorno que se esperasse ou que fosse apenas uma vã tentativa dos pareceres mais obscuros.

Muitas vezes questionei-me sobre todas as curiosidades que cidadãos comuns me apresentavam: É seguro? Eles realmente estudam? Há algum retorno positivo? Vale a pena todo o “sacrifício”? Eles são merecedores de alguma recompensa? Tantas perguntas foram feitas que muitas acabaram se perdendo no tempo sem serem dignas de uma resposta concreta, mas muitas outras ainda me afligiam e foram elas o combustível necessário para meu trabalho de pesquisa. O que mais me preocupava, neste contexto, era como o ensino de Língua Inglesa poderia ser relevante para este grupo de pessoas e como poderia solucionar problemas que o incomodassem referentes à disciplina, cooperando para que se fizesse o bem para cada um dos educandos.

Aliando a minha prática pedagógica com a Educação a Distância, percebe-se que, nas palavras de Freire (1996, p. 31)

... mudar é difícil, mas é possível, que vamos programar nossa ação político-pedagógica, não importa se o projeto com o qual nos comprometemos é de alfabetização de adultos ou de crianças, se de ação sanitária, se de evangelização, se de formação de mão-de-obra técnica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nos conceitos *freireanos*, a prática libertadora proporciona uma liberdade para aprender que se dá quando somos capazes de ouvir as vozes que advém de nossos alunos, quando os tratamos e os reconhecemos como cidadãos dignos de exercerem seus desejos, vontades e, sobretudo, seus valores.

Além disso, também se faz presente quando nos colocamos no lugar do outro, quando somos capazes de identificar falhas e nos colocamos como sujeitos ativos diante de um processo educativo cujo objetivo não visa somente ao recebimento de informação, mas à interação, superação e aprendizado que se faz não de uma maneira vertical, mas no sentido horizontal, proporcionando a troca de conhecimentos e informações.

Ela também se efetiva quando entendemos que fazemos parte de um cenário tão singular quanto os próprios alunos que ali estão. Por este motivo, o centrar-se em dar o nosso

melhor deveria ser objetivo primeiro e não meros rabiscos que, a grosso modo, preenchem cada período de aula.

Por fim, destacamos a pertinência da educação progressista, tantas vezes mencionada em nosso trabalho. Possuir a criticidade e a capacidade reflexiva para cada abordagem é uma tarefa árdua e prazerosa, pois encaro nossas aulas com o mesmo pensamento de Sócrates “só sei que nada sei” e, dentro deste “não saber” descobro que, na verdade, não é ele que me “desmotiva”, mas o motivo maior para que, todos os dias, esteja, realmente, em busca não do saber pleno, porque este conceito é inexistente, mas na busca de melhores resultados para a prática pedagógica que se pretende abraçar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, K.M. Educação a distância no Brasil: a busca da identidade In: PRETI, Oreste (org.) **Educação a distância: inícios e indícios de um percurso**. Cuiabá: UFMT, Núcleo de Educação Aberta e a Distância, 1996.

BARROS, Manoel de Barros. O menino que carregava água na peneira. In: LEITE, Maristela Petrili de Almeida; SOTO, Pascoal (Coords.). **Palavras de encantamento: antologia de poetas brasileiros**. São Paulo: Moderna, 2001. p. 8-17.

CAMARGO, Ana Maria Faccioli de. In: RIBEIRO, Cláudia Maria. **Tecendo gênero e diversidade sexual nos currículos da educação infantil**. Lavras. Ed. UFLA, 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

<http://filosofia.uol.com.br/filosofia/ideologia-sabedoria/27/artigo191887-3.asp> - acessado em 22 mar. 2014

<http://letras.mus.br/patativa-do-assare/872145/> - acessado em 10 fev. 2014

LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MILL, Daniel Ribeiro Silva. **Educação a Distância e Trabalho Docente Virtual: sobre tecnologia, espaços, tempos, coletividade e relações sociais de sexo na Idade Mídia**. 2006.

322f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

MILL, Daniel Ribeiro Silva. Sobre o conceito de polidocência ou sobre a natureza do processo de trabalho pedagógico na Educação a Distância. *In*: MILL, Daniel Ribeiro Silva; RIBEIRO, Luis Roberto de Camargo; OLIVEIRA, Marcia Rozenfekd Gomes de (ORG). **Polidocência na educação a distância: múltiplos enfoques**. São Paulo: EdUFSCar, 2010.

MILL, Daniel Ribeiro Silva. **Docência virtual: uma visão crítica**. Campinas, SP: Papyrus, 2012.

MORAN, José M. **Como utilizar a Internet na Educação** . Disponível em <http://www.eca.usp.br/moran/internet.htm>

VALENTE, Armando. ALMEIDA, Maria Elizabeth B.(Org) **Formação de educadores a distancia e integração de mídias**. São Paulo: Avercamp, 2007

VALLIN, Celso e LOPES, Aureliano. **Plágio, cópias e exercício da autoria: reflexões sobre a escrita em trabalhos na pós-graduação**.



Rita de Cássia Batista

Professora e Coordenadora Pedagógica da área de Letras e Linguagens - Grupo UNIS

Artigo recebido em 20/12/2106

Aceito para publicação em 20/08/2017

Para citar este artigo:

BATISTA, Rita de Cássia. DIDÁTICAS LIBERTADORAS: UM NOVO OLHAR PARA A EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA. Revista Paidéi@. Unimes Virtual. Volume 9 – Número 16 – JULHO.2017. Disponível em:

<http://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=paideia&page=index>